

Cardoso, Fernando Henrique no meio da briga

-9 MAR 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Joinville (SC) — Dentro da sala de desembarque do Aeroporto de Joinville, o governador de Santa Catarina, Paulo Afonso Vieira (PMDB), aguardava a chegada à cidade do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ao lado dos aliados políticos, esperava ansioso pelo presidente, para tentar recuperar sua imagem, desgastada pela acusação de emissão irregular de títulos estaduais, que está sendo investigada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Títulos Públicos.

A pouco menos de cem metros de distância, os senadores Esperidião Amin (PPB-SC) e Vilson Kleinubing (PFL-SC), titulares da CPI, também esperam pela chegada do presidente. Cercados por políticos do PPB e do PFL, os dois comem empadinhas e tomam refrigerantes. Convidados para a visita de Fernando Henrique,

nem se importam com a presença do inimigo Paulo Afonso, a quem investigam com lupa dentro da CPI.

É a primeira vez que se encontram frente à frente os dois lados da guerra política de Santa Catarina, deflagrada com as investigações da CPI. Não há cumprimentos, não há olhares, muito menos uma palavra entre eles. Mas os ataques são desferidos antes mesmo de o presidente pôr os pés em Joinville.

"Pessoas de dentro do PMDB me garantiram que há uma forte negociação para que o governador renuncie em breve para escapar do impeachment", afirma Amin, lançando a primeira bomba do dia.

REAÇÃO

Em menos de cinco minutos, o petardo já bateu no ouvido do governador. A resposta é do mesmo

calibre. "O senador Esperidião Amin é um desequilibrado e um mentiroso", devolve.

"Acho que o senador Amin se filiou ao PMDB porque está sabendo coisas do partido que nem nós sabemos", reforça, com ironia, o senador Casildo Maldaner (PMDB-SC).

E o presidente? No meio do fogo cruzado, Fernando Henrique desembarca às 10h15. Dá um abraço no amigo e prefeito de Joinville, o ex-deputado Luiz Henrique da Silveira (PMDB). Aperta a mão do governador e dá um leve sorriso. Caminha em direção das autoridades estaduais e encontra Amin e Kleinubing. Novo aperto de mãos e um abraço rápido em Kleinubing. Paulo Afonso vira o rosto e nem acompanha a cena.

"Não vim para cá falar de política", avisa Fernando Henrique cor-

tando logo o assunto sobre CPI.

Mas os dois grupos não resistem à tentação de continuar se alfinetando. O presidente veio acompanhar as obras de duplicação da rodovia federal BR-101. Os dois lados tentam capitalizar a obra a seu favor.

"Lembrem-se que é uma obra federal. Não é estadual", diz Amin, insinuando que Paulo Afonso não tem mérito nenhum pelo trabalho.

"Na época deles, havia somente placas falando da duplicação, não havia as obras. Foi a determinação do meu governo que conseguiu convencer o governo federal a tocar essa obra", rebate Paulo Afonso.

Fernando Henrique, que não tem nada com a história, vai se esquivando do problema. Fala o menos possível sobre política. Acaba ouvindo um discurso de Paulo Afonso, que pede a permanência do presi-

dente por mais um mandato, com elogios rasgados.

"Somos torcedores incansáveis de todos os dias e de todas as horas do seu governo. Somos torcedores para que esse período não se encerre em primeiro de janeiro de 1999", afirma.

"Ele está tentando faturar com a visita do presidente. Mas o povo catarinense sabe que o governo dele fez muitas coisas erradas", garante Amin, candidato à sucessão de Paulo Afonso. "Sou candidato à reeleição e essa é a maior angústia e eu diria o maior desespero dos meus adversários", avisa.

Sem ter nada com a briga, Fernando Henrique abraça novamente Luiz Henrique, aperta a mão do governador e pega o avião, que decola às 14h16, de volta para Brasília. (MM)